



O CARACOL E SUA CONCHA: ENSAIOS SOBRE A NOVA MORFOLOGIA DO TRABALHO

Ricardo Antunes
São Paulo: Boitempo, 2005

María Franco Garcia
Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPB

Para Marx a manufatura separou o trabalhador dos meios de produção, como quem aparta o caracol da sua concha. Essa passagem do Capital é recuperada por Ricardo Antunes para dar título a uma das suas obras publicadas em 2005. Uma coletânea de doze textos, onde recolhe e amplia a tese acerca da centralidade do trabalho no mundo hoje.

A obra da continuidade ao trabalho iniciado pelo autor em *Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho* (1995) e *Os Sentidos do Trabalho. Ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho* (1999). No primeiro livro Antunes questiona a suposta desapareção da *classe-que-vive-do-trabalho*, a suposta inevitabilidade da perda de referência do ser social que trabalha pela redução do operariado tradicional ou fabril, as repercussões que as mudanças no mundo do trabalho provocam nos sindicatos, e a celebrada perda do estatuto de centralidade da categoria trabalho no universo da práxis humana na sociedade contemporânea. Questionamentos que nos conduzem a refletir sobre qual é essa crise da sociedade do trabalho da qual se está falando. Em *Os sentidos do trabalho*, avança na discussão apresentando evidências de que foi uma determinada sociedade, a sociedade do trabalho abstrato, quem possibilitou a aparência de uma sociedade fundada na perda de centralidade da categoria trabalho, ou seja, na perda do papel fundante do ato laborativo no mundo contemporâneo, em função da grande massa de trabalhadores e trabalhadoras expulsos do processo produtivo. Em ambos os trabalhos, a necessidade de superar as aparências das mudanças sociais para refletirmos sobre os diferentes e antagônicos sentidos que o capital e a humanidade conferem ao trabalho constituem a chamada do autor para o seu leitor atento.

Na obra em questão, *O caracol e a sua concha*, Antunes retoma o debate crítico sobre a sociedade do trabalho no final do século XX e, novamente, se coloca na contramão dos autores que anunciam o fim do trabalho, e conseqüentemente, dessa sociedade. Autores chamados para o debate são Dominique Medá¹, que apontou a desapareção do trabalho, Jürgen Habermas², que propôs a substituição da esfera do trabalho pela esfera da comunicação, Jeremy Rifkin³, que falou do próprio fim do trabalho, Claus Offe⁴, que afirmou a perda de centralidade da categoria trabalho, André Gorz⁵, que vaticinou o fim do proletariado e com ele a

grande parte das ações decorrentes das forças sociais do trabalho e, incluso, Robert Kurz⁶, que critica a ordem do capital estabelecida.

Nos escritos de Antunes, constatamos, ao contrário das arguições dos autores mencionados, a relevância que o trabalho continua a ter na atualidade. O autor parte da necessidade de atender à concepção do trabalho como uma categoria vital para a humanidade, mas que nos obriga a aprendê-la na sua dupla, e mesmo contraditória dimensão: enquanto atividade central da história humana em seus processos de sociabilidade e mesmo para a sua emancipação, e na sua complexidade no advento do capitalismo. A desconsideração deste fato faz com que muitos teóricos defendam o suposto fim do trabalho, ou da atividade laborativa. Para o autor, longe do seu esgotamento, a sua existência se reafirma como valor e centralidade da sociedade atual. O desafio para a pesquisa é o de compreender as variadas formas que configuram hoje a classe trabalhadora, que nos termos do autor, é polissêmica e multifacetada.

A noção de classe trabalhadora introduzida por Antunes é mais abrangente que a concepção que vigorou a meados do século XX, restrita ao proletariado industrial. Para ele o trabalho produtivo não é exclusivo do universo fabril, mas agrupa todos aqueles que vendem sua força em troca de salário e são desprovidos dos meios de produção, ou seja, além do proletariado industrial e rural, os assalariados do setor de serviços, os trabalhadores terceirizados, subcontratados, temporários, os trabalhadores de telemarketing os motoboys, e a totalidade dos desempregados. A noção ampliada exclui gestores do capital e seus altos funcionários que detêm o papel e o controle no processo de trabalho, valorização e reprodução do capital no interior das empresas, os proprietários de capital acumulado, que vivem da especulação e dos juros, os pequenos empresários e a pequena burguesia rural e urbana.

A configuração da *classe-que-vive-do-trabalho* hoje é muito mais complexa, heterogênea e fragmentada, da que predominou nos anos de apogeu do taylorismo e do fordismo. De um lado existe uma minoria de trabalhadores qualificados, polivalentes e multifuncionais, com maior possibilidade de exercitar a sua dimensão intelectual e, de outro lado, há um enorme incremento do sub-proletariado fabril e de serviços, da precarização do trabalho e da informalidade. Também, uma nova divisão social-sexual do trabalho está em curso, preferencialmente ao aumento do número de trabalhadoras em tempo parcial e desregulamentado.

Antunes examina ao longo da sua obra significativas mudanças na constituição da classe trabalhadora, mostras de um processo de metamorfose e não de desaparecimento ou eliminação da mesma.

Sinais desta metamorfose dizem respeito a uma crescente imbricação entre o trabalho material e imaterial e ao aumento das atividades dotadas de maior dimensão intelectual. Ainda que ambos se encontrem subordinados à lógica de produção de mercadorias pelo capital, precisamos entender as formas

contemporâneas da agregação do valor-trabalho, já que na atualidade a mais-valia não é extraída apenas no plano material, mas também no imaterial do trabalho. Entretanto, o trabalho material ainda é predominante, em relação ao imaterial, especialmente, quando se analisa o capitalismo em escala global.

Em síntese, defensor da centralidade do trabalho hoje, o autor se afasta criticamente das teorias que tentam eliminar ou relativizar a importância da categoria no mundo atual. Entende o trabalho como elemento fundante, com condição para a existência do homem. Recusa também o trabalho fetichizado e estranhado gerador de uma subjetividade inautêntica e nos alerta para o fato de que uma vida sem sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora dele.

Neste livro Antunes, mais uma vez, nos apresenta uma abordagem rica e profunda sobre transformações ocorridas no mundo do trabalho e suas possíveis repercussões. Ele é, portanto, uma referência indispensável para todos aqueles interessados e estudiosos na dinâmica social atual. Cabe, desde a perspectiva geográfica, refletir sobre as teses do autor e incorporar a discussão sobre o papel que joga o espaço no processo de mutação social em curso.

Contato da autora: mmartillo@gmail.com

Recebido em: 20/06/2007

Aprovado em: 30/06/2007

Notas

¹ MÉDA, Dominique. Trabalho, um valor em vias de desaparecimento. Editora Aubier, Paris, 1995.

MÉDA, Dominique; SCHOR, Juliet. Trabalho, uma revolução por vir. Arte éditions, Paris, 1997.

² HABERMAS, Jürgen. Teoría de la acción comunicativa I - Racionalidad de la acción y racionalización social. Madri: Taurus, 1987.

HABERMAS, Jürgen. Teoría de la acción comunicativa II - Crítica de la razón funcionalista. Madri: Taurus, 1987.

³ RIFKIN, Jeremy. O fim do trabalho. Editora La Découverte, Paris, 1996.

⁴ OFFE, Claus. Trabalho como categoria sociológica fundamental? In: Trabalho e Sociedade. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, v.1, 1989.

⁵ GORZ, André. Adeus ao proletariado? Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982.

GORZ, André. Misérias do presente, riquezas do possível. Annablume, Paris, 1997.

⁶ KURZ, Robert. Os últimos combates. Rio de Janeiro, Vozes, 1991.

KURZ, Robert. O colapso da modernização. São Paulo, Paz e Terra, 1992.